

3 A CORAGEM DA VERDADE (MICHEL FOUCAULT).

Denise de Assis¹

“Unidade não é uniformidade...”, ouvi certa vez do teólogo Jorge Pinheiro, autor do livro História e Religião de Israel (Origens e Crise do Pensamento Judaico). Lendo os últimos capítulos do livro de Michel Foucault, esta afirmativa do teólogo veio à minha mente. Falar em uniformidade, por vezes remete a pertencer a algum grupo ou instituição e torna-se, de certa forma, ‘fácil’ se adequar ou seguir padrões pelos mais variados motivos: por sobrevivência, por status, pela sensação de poder, por troca de favores e interesses ou simplesmente dizer ou ter a sensação de pertencimento a algum lugar.

Na uniformidade é simples dizer que se está defendendo os interesses de um grupo ou instituição, podendo também externar uma opinião pessoal em nome deste grupo, isentando-se de toda e qualquer responsabilidade.

Na uniformidade, é mais fácil agir ou acreditar no ‘disseram’, ‘fizeram’, ‘culparam’, tomar decisões sobre suposições, construir notícias, lançar boatos, manipular ou distorcer fatos em nome de uma suposta unidade.

Falar em unidade, no entanto, remete a uma escolha subjetiva, pessoal e verdadeira consigo mesmo, com quem se convive ou com o lugar ao qual se pertence. Unidade aponta para a responsabilidade e para a verdade. O sentido da unidade implica o compromisso com a verdade e consigo mesmo. Ao contrário da uniformidade, que pode ser rompida a qualquer momento, na tentativa de sobreviver a qualquer custo, na unidade, existe a dinâmica, a reinvenção, a reformulação de princípios, ideias e valores, a reflexão e a busca pelo compromisso com a verdade. Neste sentido, falar de unidade aponta para uma aproximação com o cinismo. Segundo Foucault:

O cinismo não se contenta, portanto, com acoplar ou fazer se corresponderem numa harmonia ou numa homofonia um tipo de discurso e uma vida conforme apenas aos princípios enunciados no discurso. O cinismo vincula o modo de vida e a verdade a

¹ **DENISE DE ASSIS:** Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em Psicanálise pela Universidade Veiga de Almeida, possui graduação em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá (2007), pós-graduação em Mercado Financeiro, pela extinta Bolsa Brasileira de Futuros-RJ (1995) e graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados - Faculdades Integradas Anglo-Americano (1994). Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP). Pesquisadora pelo Centro de Teologia, Espiritualidade e Saúde (Duke University - EUA) Observação: Diferencial em duas formações: inicialmente, em Análise de Sistemas e posteriormente, em Psicologia. Possui experiência de mais de 20 anos na área de desenvolvimento de sistemas para o mercado financeiro e devido à dificuldade em encontrar profissionais que também se interessassem pela área financeira, aos poucos fui me reportando à área de recrutamento e treinamento de profissionais e estagiários; o que me fez ingressar no curso de Psicologia. A pesquisa sobre ciência, espiritualidade, cultura e religião surgiu de maneira informal. Pela formação inicial em ciências exatas tornou-se possível estabelecer um vínculo entre a física e a psicanálise, que fundamentam a minha tese de doutorado; defendida em 07 de maio de 2015. CV: <http://lattes.cnpq.br/9723154496568821>
Contato: dassis.denise@gmail.com

um modo muito mais estrito, muito mais preciso. Ele faz da forma da existência uma condição essencial para o dizer-a-verdade. Ele faz da forma da existência a prática redutora que vai abrir espaço para o dizer-a-verdade. Ele faz, enfim, da forma da existência um modo de tornar visível, nos gestos, nos corpos, na maneira de se vestir, na maneira de se conduzir e de viver, a própria verdade. Em suma, o cinismo faz 2 da vida, da existência, do *bíos* o que poderíamos chamar de uma aleturgia, uma manifestação da verdade. (FOUCAULT, 2014, p.150).

Na aula de 14 de março de 1984, Foucault listou os princípios gerais de base do cinismo: “alguns elementos muito comuns, muito correntes, que vinculam manifestamente a prática cínica de um lado, à velha tradição socrática e, de outro, às temáticas comuns às outras filosofias”. (FOUCAULT, 2014, p. 209).

O primeiro princípio fala que a filosofia é uma preparação para a vida: ou você se prepara por meio da razão que organiza a vida, ou prepara a corda com a qual se enforcará.

O segundo princípio, que tem como base o primeiro, implica em ocupar-se antes de tudo de si mesmo, remetendo à regra ‘cuida de ti mesmo’.

O terceiro princípio indica que, para ocupar-se de si mesmo, deve-se estudar apenas o que é realmente útil na e para a existência. Diógenes Laércio cita estas palavras de Diógenes, o Cínico. Este último se espantava com ver os gramáticos estudar tanto os modos de Ulisses e negligenciar os próprios, ver os músicos afinar tão bem sua lira e esquecer o que têm sob os pés, ver os oradores cheios de zelo pelo bem falar, mas nunca preocupados com o bem fazer.

[...] “Tu te preocupas muito com a ordem cósmica, mas não te preocupas nenhum pouco com a tua desordem interior. Logo, se quisermos cuidar de nós mesmos, não é a ordem cósmica, não são as coisas do mundo, não são a gramática, a matemática ou a música que é preciso estudar, mas as coisas imediatamente úteis para a vida, isto é, para o cuidado de si mesmo”. (FOUCAULT, 2014, p. 209, 210).

E o quarto princípio considera que é necessário “tornar a vida conforme aos preceitos que formula. [...] Só pode haver verdadeiro cuidado de si se os princípios formulados como princípios verdadeiros forem ao mesmo tempo garantidos e autenticados pela maneira como se vive” (FOUCAULT, 2014, p.210).

Para que haja unidade é necessário cuidar primeiro de si, para só então ampliar ou estender certos conceitos, ideias ou padrões ao mundo e o terceiro princípio demonstra claramente a importância da verdade. Com uma visão distorcida de si mesmo em um padrão de uniformidade, a dimensão da destruição, nos âmbitos mais diversos, pode ser imensurável.

No meio do turbilhão de informações, modismos e movimentos em que estamos vivendo, parece não sobrar tempo para qualquer tipo de reflexão neste sentido. Talvez 3 seja mais fácil buscar uma uniformidade e quando tudo falhar, culpar os supostos idealizadores pelo fracasso evidente quando se adota um padrão de uniformização, sem questionamentos. Será que não tem sobrado tempo para se questionar se se está vivendo a verdade ou a ‘falta de tempo’ é apenas uma desculpa para não querer refletir sobre isto?

Quem tem coragem de **viver** a verdade? É muito mais profundo do que simplesmente dizer: quem tem coragem de **dizer** a verdade?

REFERÊNCIAS.

FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II.** Martins Fontes, São Paulo, 2014.

PINHEIRO, J. **História e Religião de Israel.** Origens e Crise do Pensamento Judaico. Editora Vida, São Paulo, 2007.